

Um erro de avaliação

Quando um homem chega aos sessenta e um e se descobre verdadeiramente sozinho, ele já não vive entre suas memórias. Vive entre seus erros.

As memórias são inofensivas. Não podem mais machucá-lo. Os erros são diferentes. Os erros acordam antes de você. Sentam-se na beira da cama esperando que seus olhos se abram. São companheiros leais da velhice porque são a única coisa que não se pode renegociar.

Naquela manhã de agosto, eu me vi pensando naquela velha instituição do Sul da Itália conhecida como o casamento reparador.

Nos vilarejos dos anos 1940 e 1950, dois jovens se apaixonavam com a imprudência reservada aos jovens. Desejavam-se, confiavam um no outro, e nunca consideravam as consequências. Depois as consequências chegavam de qualquer jeito. Às vezes um filho. Às vezes dois. Às vezes três.

As famílias olhavam para a realidade e escolhiam uma solução prática.

Não porque fossem esclarecidas.

Não porque fossem românticas.

Porque o escândalo era mais caro do que o casamento.

Os dois amantes eram empurrados para o altar, batizados na responsabilidade, e devolvidos à sociedade carregando filhos, obrigações e um futuro que não haviam planejado, mas que agora tinham de construir.

Quando as famílias se opunham ao relacionamento, havia outra solução.

A fuitina.

A fuga.

Dois jovens desaparecendo juntos para anunciar que o consentimento havia se tornado irrelevante.

A mensagem era simples:

Pertencemos um ao outro. Alcancem-nos quando puderem.

No fim, todos voltavam. As famílias sempre voltam. Os pais os perdoam porque amam os filhos. Os avós perdoam porque os netos derrubam toda lei anterior do coração.

Mas naquela manhã eu não estava pensando em casais jovens.

Estava pensando em mim mesmo.

Durante anos, meu exercício particular havia se tornado a contabilidade dos erros.

Decisões erradas.

Silêncio errado.

Lealdade errada.

Expectativas erradas.

E, ao contrário daqueles jovens amantes, não havia nenhum casamento reparador me esperando. Nenhum pároco de vilarejo. Nenhum conselho de família. Nenhuma fórmula social capaz de corrigir a aritmética.

Percebi então que a minha própria fuitina havia durado quarenta anos.

Sessenta e cinco países.

Quatro décadas.

Uma fuga solitária através de continentes.

A questão já não era se eu havia fugido.

A questão era:

De que exatamente eu havia fugido?

Em 14 de agosto de 2026, a resposta finalmente chegou.

Saber o que havia acontecido não bastava.

Compreender por que havia acontecido tornou-se essencial.

A diferença entre a sabedoria e o sofrimento muitas vezes não passa de uma explicação que falta.

E de repente ficou claro.

Não havia sido traição.

Não havia sido conspiração.

Não havia sido sequer destino.

Havia sido um erro de avaliação.

Um magnífico, caríssimo erro de avaliação de uma vida inteira.

Eu não podia corrigi-lo.

Não podia recorrer dele.

Não podia negociar com a autoridade suprema responsável pelo resultado.

Meu destino.

O Chief Executive Officer de toda consequência que já enfrentei.

E, pela primeira vez, parei de discutir com ele.

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com